

Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia

Colégio Salesiano Nossa Senhora do Carmo

SALESIANOS
BELÉM

Belém - Pará - Brasil



*M*aravilhosa figura de Salesiano, alegre, simpático, brincalhão, cumpridor do próprio dever, de profunda piedade, muito pobre, obediente, delicado no trato, demonstrava grande amor aos jovens, verdadeiro coração oratoriano. Assim foi o nosso queridíssimo

Pe. Felinto Santiago do Nascimento

★ 6 de novembro de 1910

† 29 de maio de 1999

Tive a sorte de conhecê-lo uns 20 anos atrás e conviver com ele em Porto Velho e depois no colégio do Carmo em Belém onde concluiu a longa caminhada neste mundo. Admirei-o muito como Homem e muito mais como Sacerdote Salesiano.

Bem pouco sei da infância e da juventude deste nosso Irmão; só que nasceu em Frei Paulo (diocese de Aracaju) no dia 6 de novembro de 1910, e os pais, José Inocêncio e Dona Adélia Angélica, logo se preocuparam de fazê-lo renascer na água do batismo e consagrá-lo a Deus com a Unção do Espírito Santo. Nada mais consegui descobrir da criança e do adolescente Felinto, a não ser que aos 15 anos e pouco, entrou na Escola Agrícola São Sebastião em Jaboatão-PE, onde amadureceu o chamado de Deus. Com 21 anos o encontramos ainda em Jaboatão como noviço e Salesiano. Neste, como em todos os momentos da vida, foi sempre muito disponível. Eis o que escreve no dia 14 de outubro de 1930 ao Padre Diretor da casa onde estudava: "...animado de confiança...desejaria licença de entrar no noviciado. Preparado estou para qualquer resposta: se os Superiores acharem que eu posso entrar, louvado seja Deus, se para isso não estou preparado bendito seja seu Santo Nome. O mais



Os pais

indigno servo de vossas Rev.mas, Felinto Santiago do Nascimento." Foi com estes sentimentos que chegou à Ordenação Sacerdotal recebida pela imposição das mãos de Dom José Gaspar, em São Paulo, no dia de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, 8 de dezembro de 1940.

Que este jovem salesiano fosse exemplar não há dúvida: notem-se as observações que recebeu para a profissão religiosa: "Trabalhador e obediente", e para as ordenações: "Trabalha até demais, piedoso, não tem muita saúde, estudioso." Nós poderíamos acrescentar que era muito brincalhão e desde aquela época gostou de entreter o pessoal com cantos, brincadeiras, piadas etc. Assim foi até o ultimo dia, tanto que quando o avisaram que o Pe. Tadeu, seu colega e coetâneo, tinha acabado de falecer, o bom velho sorriu e comentou: "Esta vendo? Padre Tadeu me passou a perna." Padre Felinto costumava chamar o seu próprio corpo "velha carcaça" e o último dia era para ele "a visita da comadre Morte".

Quando precisava de algum atendimento hospitalar, brincava tanto com os médicos que eles não sabiam mais o que fazer. Em certa ocasião foi internado bastante doente; depois de receber a medicação, se reanimou e começou a cantar com um vozeirão atroador. Todo mundo se assustou e os enfermeiros comentaram: "Está fora de si!" mas o médico, que o conhecia bem, sentenciou: "Graças a Deus agora está voltando ao normal."

Padre Felinto animava todo mundo com o canto; segurava duas colheres entre os dedos como chocalhos para bater o tempo e cantava :

Sou caçador de onça no sertão da Paraíba ...

Todo bicho que encontro passo fogo na barriga...

Eu não vou na sua casa pra você não vir na minha

Sua boca é muito grande vai comer minha farinha ...

E dava um grito.

Ai! Ai! Ai!

Filho de coruja não tem pai nem de bacurau tem avô ... etc...etc...

Em Porto Velho, um dia o surpreendi na rua batendo as colheres no meio de uma roda de amigos e simpatizantes. Cantou bastante, depois tirou o boné e com um largo gesto fez como se estivesse pedindo esmola, mas imediatamente o recolocou na cabeça, soltou uma gargalhada e continuou a caminhada.

Esta alegria e bom humor foi fruto de tantos anos vividos no oratório desde o tempo de clérigo, no tirocínio e na teologia. Depois da ordenação sacerdotal (quem conviveu com ele é testemunha) foi o típico diretor de oratório salesiano, especialmente em Manaus, no Dom Bosco e no Domingos Sávio. Em função do oratório orientou toda a própria vida. A batina dele era bastante ampla para poder correr a



Desfile de 7 de setembro

vontade no meio da meninada.

Exímio professor e disciplinador. Não admitia desordem. No pátio era o assistente ideal, nada escapava ao seu olhar vigilante e atento. No desfile de 7 de setembro exigia ordem absoluta; quando alguém demonstrava cansaço exclamava: "Eh rapaz! Você é homem ou é rato?" - "Eu sou homem!" respondia o pobre. "Então anda direito!" continuava o Padre.

Padre Felinto nunca assumiu cargos importantes, de superior, mas foi importante tudo o que ele fez. Foi desprestensioso e humilde no próprio trabalho. Respeitosíssimo da autoridade, sempre dizia: "O Senhor Padre Diretor" apesar do diretor ser várias décadas mais novo.

Levava a obediência ao extremo. Certo dia quem escreve devia ir até Salinas, maravilhosa praia atlântica relativamente perto de Belém, para pregar um retiro às Filhas de Maria Auxiliadora. As pregações seriam realizadas numa varanda bem perto da água do mar pois, não sendo período de férias, a praia estaria deserta. Sabedor da doença das pernas do Padre Felinto convidei-o: "Padre, água de mar faz bem às suas pernas, contém iodo, venha comigo. O Senhor pode ajudar nas confissões." Imediatamente Padre Felinto obedeceu. Ei-lo portanto na praia, de batina, pois ele não a tirava mesmo, com guarda-chuva para se defender do sol, com calça arregaçada, um grande terço na mão, no meio da água. A maré estava baixa mas começou a subir. No fervor da pregação, ninguém reparava. Quando percebi, o Padre Felinto estava rezando o terço numa ilhotinha, circundado de águas profundas e a maré ameaçando crescer mais. Tira-lo de lá não foi fácil; a água chegava até a cintura, mas o bom velho saiu rindo e cantando: "Sou caçador de onça..."

Escrupuloso na pobreza, entregava o dinheiro da Igreja, tudo anotado, com as intenções de Missas, esmolas etc. até o último centavo. Vivia pobre, nunca pediu nada e quando queria dar uns trocados a um mendigo, sempre pedia licença.

Irradiava pureza e a praticava no meio dos alunos assistindo com olho vigilante no pátio, visitando todos os cantos e convidando os alunos a ficar no meio dos outros sem se esconder. Quando encontrava alguém desobediente, logo puxava do grande bolso da batina uma garrafa de água benta e com ela salpicava a cabeça dos desordeiros, rindo e exclamando: "Não é para você não! É só para espantar o Capiroto!".

Gostava de fabricar terços andando pelo pátio e depois os distribuía



incentivando a devoção a nossa Senhora. Quando cansado, sentava-se a uma mesinha de trabalho cheia de latas de contas de todas as cores. Algumas vezes chegava de repente uma bola que fazia estremecer aquele pequeno móvel derrubando as latas e espalhando o conteúdo por todo lado. Os meninos para não vê-lo aborrecido precipitavam-se e juntavam todas aquelas bolinhas coloridas reconstituindo a ordem. Fabricava terços também com caroços de azeitona, por isso juntava todos aqueles que encontrava na mesa. Certo dia uma devota senhora escutou que o Padre Felinto procurava azeitonas, então para agradá-lo comprou um grande vaso da gostosa frutinha (com certeza alguns quilos) e o presenteou ao querido Padre que feliz demais chegou no refeitório e disse: "Por favor, ajudem-me a comer azeitonas, que eu quero os caroços!" Decepção: todas aquelas azeitonas estavam preparadas sem caroço.

Padre Felinto não perdia tempo. Quantas vezes eu o vi no pórtico sentado à mesinha, parar de cortar arame e enfiar contas para atender alguém na confissão. Então, em forma discreta, levantava a mão e absolvia o menino que logo corria feliz na Igreja para rezar algumas Ave Marias de penitência. Ó padre zeloso, não perdia ocasião de exercer o sacerdócio.

Anos atrás foi visitar os familiares no nordeste, sua terra natal. A viagem foi de ônibus e demorou alguns dias. Ao longo do percurso encontrou tempo para enterrar um morto, benzer seis casas, preparar uma moça para a Primeira Comunhão, confessar algumas pessoas, dormir na casa paroquial de não sei qual cidade do interior, e até ajudou a empregada na cozinha a debulhar feijão para preparar o jantar. Em casa dos parentes não perdia tempo; fazia intenso apostolado. E tem mais: os Párocos de Catuaba, Itabuna e Patos, aprovavam daquela ocasião para tirar umas férias.

Por motivo nenhum deixava de rezar Terço, Breviário, Santa Missa. Um ano, na 6ª Feira Santa estava confessando e ninguém o chamou na hora da Comunhão. Ficou muito aflito e anotou na agenda três tristes palavras: "Hoje não comunguei". Em Porto Velho, voltando para casa a pé depois da Missa na Paróquia do Perpétuo Socorro, parava um pouco na Catedral para rezar e chegando no colégio Dom Bosco logo ia na capela para agradecer mais a Deus. De manhã acordava cedo, ia à igreja para rezar antes da Missa da comunidade. Fiel às belas tradições salesianas, depois do almoço declarava bem alto com o claro intuito de convidar todo mundo: "Vou visitar o Dono da casa!" Um dia um jovem clérigo contestou: "Mas o Padre Diretor viajou!" E o Padre Felinto logo retrucou: "O Dono da casa é Este aqui!" e entrou na capela.

Era zeloso na preparação das pregações; encontrei no quarto dele esquemas de退iros para as Irmãs, programas pastorais para a Paróquia do Perpétuo Socorro em Porto Velho etc.



Também os bom-dias aos alunos eram diligentemente preparados. Temas: Disciplina, atendimento ao sino, comportamento nas filas, subida do pátio para as salas de aula, respeito aos colegas e aos professores, atenção na aula, obrigação de estudar, comportamento na igreja, etc.

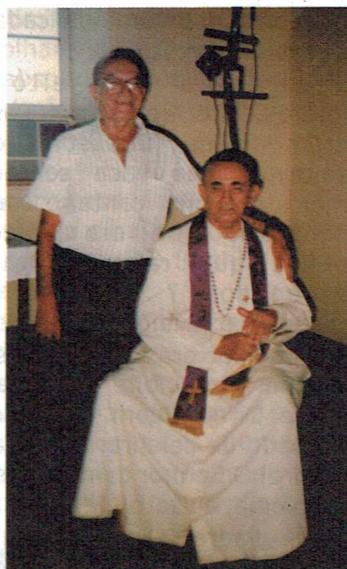
Passou a Semana Santa de 1986 bastante ruim de saúde porém não largou o confessionário. Anotou no diário: "Passei a Semana Santa esperando a comadre Morte ... Declaro sinceramente que nestes dias vivi o meu sacerdócio através das confissões." Numa outra ocasião, aqui no Carmo, desde manhã cedo estava confessando. A hora do almoço já tinha passado e a fila dos penitentes continuava muito longa; o Padre Zé Maria, diretor da casa, foi convidá-lo para tomar alguma coisa mas o Padre Felinto não quis nem saber: "Não se pode deixar este povo esperar quando quer se reconciliar com Deus."

Amava a Eucaristia. Certa vez em Porto Velho devia celebrar a Santa Missa de noite na paróquia. Outro sacerdote, porém, celebrou e esqueceram de avisar o Padre Felinto que ficou esperando na capela do Colégio Dom Bosco. Acabou celebrando sozinho às 10 horas da noite porém não deixou de celebrar.

Sempre satisfeito, nunca reclamava de nada. Em Porto Velho, voltando a pé de noite da paróquia, cansado, foi bater na cozinha procurando alguma coisa para comer. Na realidade a cozinheira tinha deixado um prato pronto para ele. Padre Felinto, porém, não o viu e encontrou uma panela cheia de restos de comida deixada para os cachorros e dela se serviu à vontade. Na manhã seguinte, a cozinheira perguntou porque o prato estava intacto e o Padre respondeu: "Encontrei aquela outra panela cheia e achei muito gostosa".

Ainda em Porto Velho o surpreendi uma vez costurando a própria calça rasgada e surrada. Disse-lhe eu: "Padre Felinto! O que é isso? Vamos comprar uma calça nova." E ele: "Ah, Padre Alberto, debaixo da batina tudo serve".

Sempre disponível, estando em Belém no Carmo, certo dia foi chamado às pressas em Porto Velho para resolver no tribunal problemas urgentes da Rádio diocesana Caiari, pois ele era um dos sócios fundadores. Rapidinho saiu de Belém de avião, chegou a Manaus, embarcou num tecote para Porto Velho...mas não chegou ao destino. Imagine como passamos a noite pensando no Padre Felinto todo quebrado no meio da mata. Realmente o aviôzinho teve que parar num pequeno campo de pouso no interior, pois começava a anoitecer e não tinha como comunicar a posição. Na manhã seguinte o Padre chegou alegre, cantando e declarando



ter reposado maravilhosamente bem ao som de uma delicada música de muitos carapanãs.

Tinha um jeito muito interessante de corrigir os erros, eram frases nordestina que ele soltava: Uma vaca sentou-se no meio de um canteiro de flores pensando que era pasto... Você pensa que rabo de raposa é espanador ?... Que se amarra cachorro com lingüiça ?...

Tudo era motivo de riso e bom humor. Uma noite faltou a luz. O Padre Diretor com uma lanterna procurou o Padre Felinto, que tinha acabado de celebrar a Santa Missa e o encontrou no refeitório jantando. "Padre! O Senhor come no escuro?" e logo o bom velho retrucou: "Não tem problema, eu sei onde tenho a boca."

Padre Felinto tinha uma belíssima voz de tenor. Em certa ocasião assistia a um casamento escondido atrás da janela do presbitério - ele já não podia mais celebrar, porque bastante cansado e doente - os cantores executaram uma estrofe de um hino em latim, quando eles acabaram, o Padre Felinto continuou com voz poderosa o hino todo até o Amém, no começo assustando, depois deliciando todo mundo.

Preparava-se para o último dia com serenidade e alegria. Depois de passar uma noite horrível com fortes dores e sem poder dormir, de manhã celebrou com visível dificuldade e logo em seguida chegou no refeitório comentando: "Esta noite eu morri! Tão mal eu passei!" "Como é então que está tomando café?" "É que cheguei lá em cima e me mandaram voltar porque não era o dia certo!"



nos últimos tempos, uma enfermeira cuidava dele; uma manhã ela o encontrou imóvel na cama. Chamou-o, mas ele não se mexeu. Preocupada ela se aproximou para ver se respirava. De repente ele deu um grito assustando a pobre. Só vivia brincando. Antes de sair de casa pela última vez e entrar no hospital, fez questão de arrumar em cima da cama, calça, camisa e tudo mais, inclusive a batina nova bonita para o dia do funeral. No hospital, dois dias antes de morrer, chamou o economista do colégio, Padre Chicão, pediu que fosse buscar umas coisas no quarto dele: uma caixa de gostosos biscoitos, que tinha recebido de presente naqueles dias para colocá-la na mesa dos



salesianos na hora do café, um terço para presentear o Doutor Tadeu, cardiologista, que cuidava dele com muito carinho, medalhas de Nossa Senhora para agradecer o pessoal do hospital. Ele mesmo na UTI continuou rezando o terço com as pessoas que lá estavam. E assim, com serenidade e bom humor, o Padre Felinto concluiu a caminhada neste mundo, dia 29 de maio de 1999.

O enterro foi solene, muitos padres concelebrando a Santa Missa, muitos alunos chorando comovidos e com saudades, a igreja cheia de povo, todo mundo querendo um terço feito pelo Padre Felinto. A presença do Padre Felinto era muito importante em nossa casa. Estamos sentindo sua falta; com certeza, porém, ele nos abençoa lá do Céu.

Parafraseando as palavras do Padre José Stringari (tiradas do volume "Obras de Dom Bosco no Brasil" pág.436), gostaria de apresentar assim a eterna juventude do nosso querido Irmão: "Vejo-o na sacristia, acotovelando-se às voltas com contas de terço numa alegre desordem. Vejo-o na igreja a pregar com inteligência lúcida e brilho o Evangelho. Vejo-o suarento nos recreios movimentados exibindo todas as habilidades canoras e esportivas sobretudo no pórtico no meio das crianças. Vejo-o na capela, devoto, sem afetação rezando o brevíario com uma espiritualidade simples e ativa, mais de vivência que de obrigação. Vejo-o naquela camaradagem jovial, sincera, que une e predispõe cada um a dar e receber, generosamente, sem regateios interessados, numa grande família, em que todos sentem-se irmãos num clima que enriquece os ânimos. Quem me dera enumerar e dizer todas as características desse nosso amigo, companheiro, Irmão. Veríamos desfilar lances edificantes, episódios lépidos. Veríamos toda uma vida numa exuberante explosão de juventude.

Quero concluir esta carta com um bilhetinho escrito por uma criança, que achei no meio de papéis velhos no quarto do Padre :

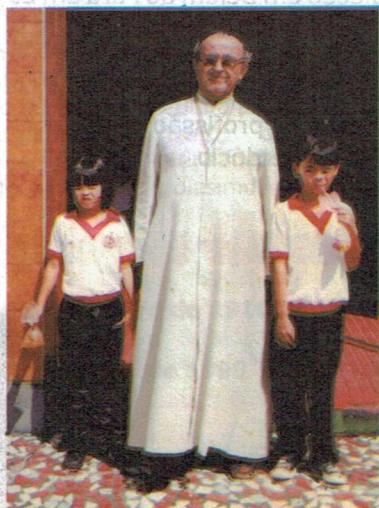
"*Tio Felinto,
Eu te amo muito,
Você é bom.
Beijos!*"

Belém 1º de novembro de 2003

(Festa de todos os Santos)

Pe. Alberto Bresciani

Diretor do Colégio do Carmo



DADOS PARA O NECROLÓGIO

Pe. Felinto Santiago do Nascimento

Nasceu em Frei Paulo (Diocese de Aracajú) aos 6 de novembro de 1910

Faleceu em Belém do Pará em 29 de maio de 1999

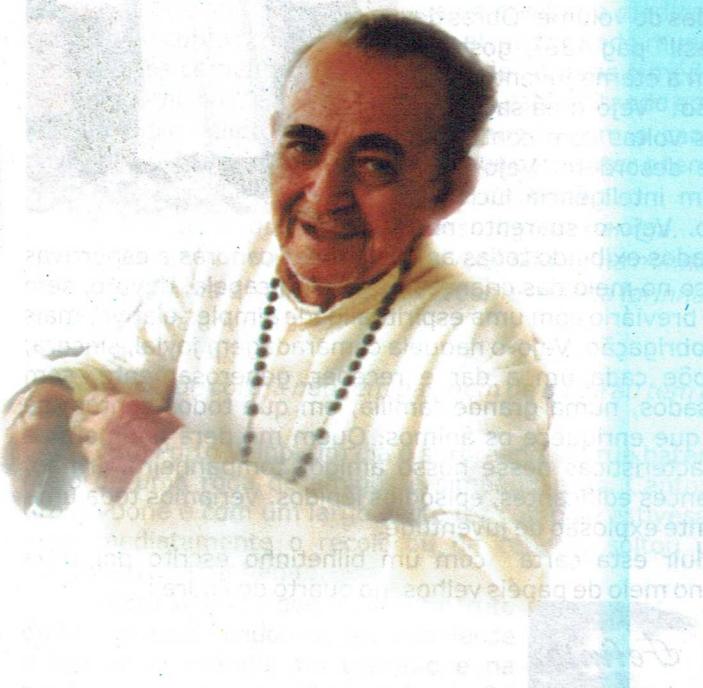
Tinha:

89 anos de idade

67 anos de profissão

59 de sacerdócio

8



**SALESIANOS
BELÉM**